

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

CC THIAGO HENRIQUES CAVALCANTI

GUERRA CIVIL DA SÍRIA:

**A importância da gestão de riscos como ferramenta de mitigação
de danos colaterais.**

Rio de Janeiro

2024

CC THIAGO HENRIQUES CAVALCANTI

GUERRA CIVIL DA SÍRIA:

A importância da gestão de riscos como ferramenta de mitigação de danos colaterais.

Dissertação apresentada à Escola de Guerra Naval, como requisito parcial para conclusão do Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores.

Orientador: CMG (RM1-FN) RICCIARDI

Rio de Janeiro
Escola de Guerra Naval
2024

DECLARAÇÃO DA NÃO EXISTÊNCIA DE APROPRIAÇÃO INTELECTUAL IRREGULAR

Declaro que este trabalho acadêmico: a) corresponde ao resultado de investigação por mim desenvolvida, enquanto discente da Escola de Guerra Naval (EGN); b) é um trabalho original, ou seja, que não foi por mim anteriormente utilizado para fins acadêmicos ou quaisquer outros; c) é inédito, isto é, não foi ainda objeto de publicação; e d) é de minha integral e exclusiva autoria.

Declaro também que tenho ciência de que a utilização de ideias ou palavras de autoria de outrem, sem a devida identificação da fonte, e o uso de recursos de inteligência artificial no processo de escrita constituem grave falta ética, moral, legal e disciplinar. Ademais, assumo o compromisso de que este trabalho possa, a qualquer tempo, ser analisado para verificação de sua originalidade e ineditismo, por meio de ferramentas de detecção de similaridades ou por profissionais qualificados.

Os direitos morais e patrimoniais deste trabalho acadêmico, nos termos da Lei 9.610/1998, pertencem ao seu Autor, sendo vedado o uso comercial sem prévia autorização. É permitida a transcrição parcial de textos do trabalho, ou mencioná-los, para comentários e citações, desde que seja feita a referência bibliográfica completa.

Os conceitos e ideias expressas neste trabalho acadêmico são de responsabilidade do Autor e não retratam qualquer orientação institucional da EGN ou da Marinha do Brasil.

AGRADECIMENTOS

Transcorridos 19 dos 24 meses previstos para o processo referente à minha fase da carreira e vida pessoal dedicada ao Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores, supere mais uma de suas grandes etapas componentes. Com tamanho e particular desafio, este trabalho demandou tempo e esforços dentro de uma dinâmica em que tais elementos não se encontravam abundantes. Isto posto, por dever de justiça, não poderia me furtar de expressar minha involgar gratidão àqueles que tornaram possível as vitórias até o presente momento. À Deus, o meu muito obrigado pelo dom da vida, sem o qual não estaria vivenciando este momento, e com saúde, que me permite ficar de pé diante das dificuldades. À Marinha do Brasil, pela oportunidade de engrandecimento pessoal e profissional. Aos companheiros da turma Almirante Dodsworth, em particular os pertencentes à Aviação Naval, pela amizade, camaradagem e espírito de colaboração, desde sempre. Crescemos juntos! Aos meus pais e irmão, pelo incentivo em forma de amor e respeito à minha pessoa, profissão e minha vida. Ao meu orientador, CMG(RM1-FN) Ricciardi, que, pelo fino e cordial trato, e orientações precisas, desde o primeiro contato, facilitou sobremaneira a aproximação com a atividade curricular e com o tema, ao mesmo tempo em que incentivou a execução de um trabalho independente e original, que refletisse as minhas impressões e visões acerca dos objetivos. Sem dúvida, não poderia ter sido melhor orientado! Por fim, e ressalto, mais importantes em todo o processo, àqueles que viveram, mesmo à distância, e cada um à sua forma, o meu momento. À Virginia, mãe de meus filhos, que, desde o início da preparação para o concurso, e ciente da dimensão do que estava por vir, preocupou-se em, dentro de suas possibilidades, deixar-me o mais à vontade possível para me dedicar aos estudos, enquanto conciliava as próprias(e grandes!) demandas profissionais e dos nossos filhos. Tenho certeza de que não foi fácil. Serei eternamente grato. Aos meus filhos Renan e José, pela maturidade na compreensão das minhas ausências, torcida silenciosa e esforços em compensar minha falta na vida da família. E à minha pequena Marina, que, do seu jeito, também sofreu junto nos momentos mais intensos, mas que, suportada energicamente pela mãe e irmãos, teve resiliência para superar as dificuldades que surgiram na ausência da figura paterna, sem perder sua doçura, meiguice e espírito alegre. Papai ama vocês! Obrigado por estarem comigo, por existirem na minha vida!

RESUMO

O conflito na Síria, iniciado em 2011, é um exemplo extremo de guerra civil, envolvendo uma multiplicidade de atores como forças governamentais, rebeldes, milícias locais e grupos terroristas, cada um com sua agenda própria. Este trabalho aborda como a gestão de riscos poderia ter mitigado esses danos e alguns atores aproveitaram oportunidades em meio ao conflito. A intervenção de potências estrangeiras, como Estados Unidos da América e Rússia, adiciona outra camada de complexidade. Esses atores externos muitas vezes apoiam diferentes facções, complicando ainda mais a situação. A gestão de riscos, nesse contexto, se torna essencial para minimizar os danos colaterais e maximizar as oportunidades estratégicas. Os danos colaterais, tanto diretos quanto indiretos, têm um impacto devastador na população civil, dentre os quais destacam-se a destruição de infraestrutura e a perda de vidas, inevitáveis em conflitos dessa magnitude. A distinção entre combatentes e não combatentes nem sempre é clara, complicando os esforços para proteger civis. É importante reconhecer as diferenças culturais e contextuais entre Brasil e Síria. Este estudo oferece uma visão ocidental dos eventos e consequências do conflito sírio, com foco em como a gestão de riscos poderia influenciar os resultados. O Estado sírio, caracterizado por uma estrutura autoritária, contrasta com a experiência democrática do Brasil. Essas diferenças influenciam a percepção e abordagem da gestão de riscos, bem como a análise dos eventos. A gestão de riscos em uma guerra civil exige uma abordagem cuidadosa, considerando a identificação complexa dos adversários e as especificidades do conflito. Este estudo analisa como a gestão de riscos poderia ter mudado o curso da guerra, tanto por parte dos atores internos quanto pelos externos, estabelecendo uma comparação entre as etapas do processo de gestão de riscos e os impactos humanitários observados na guerra na Síria.

Palavras-chave: Guerra Civil. Síria. Danos Colaterais. Grupos rebeldes. Grupos terroristas. Intervenção externa. Impactos humanitários. Mitigação de risco.

ABSTRACT

Syrian Civil War: the importance of risk management as a tool for mitigating collateral damage

The conflict in Syria, which began in 2011, is an extreme example of a civil war, involving a multiplicity of actors such as government forces, rebels, local militias, and terrorist groups, each with their own agenda. This work addresses how risk management could have mitigated these damages and how some actors could have taken advantage of opportunities amidst the conflict. The intervention of foreign powers, such as the United States and Russia, adds another layer of complexity. These external actors often support different factions, further complicating the situation. In this context, risk management becomes essential to minimize collateral damage and maximize strategic opportunities. Collateral damage, both direct and indirect, has a devastating impact on the civilian population, including the destruction of infrastructure and the loss of lives, which are inevitable in conflicts of this magnitude. The distinction between combatants and non-combatants is not always clear, complicating efforts to protect civilians. It is important to recognize the cultural and contextual differences between Brazil and Syria. This study offers a Western perspective on the events and consequences of the Syrian conflict, focusing on how risk management could influence the outcomes. The Syrian state, characterized by an authoritarian structure, contrasts with Brazil's democratic experience. These differences influence the perception and approach to risk management, as well as the analysis of events. Risk management in a civil war requires a careful approach, considering the complex identification of adversaries and the specificities of the conflict. This study analyzes how risk management could have changed the course of the war, both by internal and external actors, establishing a comparison between the stages of the risk management process and the humanitarian impacts observed in the Syrian war.

Keywords: Civil War, Syria. Collateral Damage. Rebel Groups. Terrorist Groups. Foreign Intervention. Humanitarian Impact. Risk Mitigation.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	-	Associação Brasileira de Normas Técnicas
COM	-	Comando de Operações Militares
EI	-	Estado Islâmico
ELS	-	Exército de Libertação da Síria
EUA	-	Estados Unidos da América
FDS	-	Forças Democráticas Sírias
ISO	-	Organização Internacional Para Padronização
NBR	-	Normas Brasileiras Regulamentadoras
ONU	-	Organização das Nações Unidas
UNESCO	-	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNICEF	-	Fundo das Nações Unidas para a Infância

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	8
2	ASPECTOS TEÓRICOS.....	11
3	A GUERRA NA SÍRIA.....	16
4	IMPACTOS HUMANITÁRIOS E RISCOS AOS ATORES EXTERNOS...	27
4.1	MORTOS E FERIDOS NO CONFLITO.....	28
4.2	DESLOCAMENTOS POPULACIONAIS.....	29
4.3	COMPROMETIMENTO DE INFRAESTRUTURAS CRÍTICAS.....	30
4.4	INFÂNCIA DESPEDAÇADA.....	32
4.5	INSEGURANÇA ALIMENTAR.....	33
4.6	ABALO PSICOLÓGICO.....	35
4.7	RISCOS AOS ATORES EXTERNOS.....	36
5	CONCLUSÃO.....	39
	REFERÊNCIAS.....	42

1 INTRODUÇÃO

Um conflito é um estado de oposição ou antagonismo entre indivíduos, grupos ou nações, motivado por múltiplas divergências e podem ser expressos de diversas formas, desde desacordos verbais até confrontos armados, que surgem em qualquer contexto em que haja diferenças significativas entre as partes envolvidas. A guerra civil é uma forma extrema de conflito interno em um Estado, onde facções se enfrentam com o objetivo de conquistar o controle governamental, obter independência territorial ou modificar políticas governamentais.

A complexidade de uma guerra civil é amplificada por diversos fatores. Primeiramente, a multiplicidade de atores envolvidos, que podem incluir forças governamentais, rebeldes, milícias locais e grupos terroristas, cada um com seus próprios objetivos e estratégias. Em segundo lugar, a intervenção de potências estrangeiras que, diante dos seus interesses, apoiam de diversas formas diferentes facções, complicando ainda mais a dinâmica do conflito.

Inevitavelmente, os conflitos acabam vitimando não combatentes. Diretamente, em virtude da potência das armas empregadas, ou indiretamente, pelos danos físicos causados na infraestrutura das cidades. Esses chamados danos colaterais acrescentam um ingrediente perturbador da gama de acontecimentos que um conflito envolve, independentemente da sua magnitude. Em guerras civis, são particularmente devastadores, resultando em impactos humanitários de grande escala, pois, por vezes, o insurgente não se encontra ostensivamente identificado, fazendo com que a distinção entre combatentes e não combatentes não seja possível.

A imprevisibilidade destes danos, pelo menos em termos quantitativos, e as incertezas presentes em qualquer conflito armado pode ser um obstáculo ao atingimento dos objetivos inicialmente traçados para os contenciosos. Como forma de minimização desses danos ou efeitos colaterais, existem algumas ferramentas que podem auxiliar na diminuição das incertezas no caminho entre as ações e seus objetivos. Neste ínterim, a gestão de riscos será investigada como uma ferramenta possível para mitigar os impactos negativos e aproveitar as oportunidades em meio à contenda. O conflito da Síria foi considerado neste trabalho sob este ponto de vista, muito embora suas características apontem para a não existência de uma preocupação exacerbada com os efeitos colaterais. Internamente, o governo sírio e os grupos rebeldes tinham que se contrapor, de alguma forma, às ameaças enfrentadas, ao mesmo tempo em que ansiavam explorar

oportunidades estratégicas. Externamente, potências como os Estados Unidos da América (EUA) e a Rússia provavelmente aplicaram gestão de riscos para maximizar seus ganhos geopolíticos e minimizar suas perdas.

Importante ressaltar e essencial reconhecer as diferenças culturais e contextuais entre o Brasil e a Síria. Isto porque este estudo apresenta uma visão dos fatos, ações e consequências sob o ponto de vista ocidental, descolado dos pormenores vividos naquela parte do mundo, de cultura, valores e crenças muito diferentes, em inúmeros aspectos. O estado sírio é caracterizado por uma estrutura autoritária e uma abordagem centralizadora, contrastando com a experiência brasileira de uma sociedade democrática e pluralista. Essas diferenças influenciam a percepção e a abordagem da gestão de riscos, assim como a análise dos eventos e estratégias adotadas no conflito sírio. Portanto, não foram contempladas as reais intenções dos envolvidos, em termos de vontade de minimizar os impactos humanitários, ou de atingir seus objetivos a qualquer custo. Por outro lado, também não se buscou condescendência com os fatos deste ou daquele lado. Sobretudo porque a similaridade cultural dos opositores certamente ensejou as mazelas observadas, ao mesmo tempo em que as prorrogam sem que uma solução pacífica se vislumbre. A lógica do conflito e a incoerência das ações pode não ser vista como absurda pelo povo e governantes, justamente por enxergarem os fatos de maneira diferente.

A gestão de riscos em uma guerra civil, especialmente com identificações complexas dos adversários, exige uma abordagem ainda mais meticulosa. Diferentemente de conflitos convencionais entre estados, o envolvimento de múltiplas facções, alianças voláteis, e frequentemente a presença de atores não estatais torna a dinâmica de uma guerra civil mais fluida.

Neste trabalho, buscou-se analisar de que forma esta gestão poderia ter sido feita de maneira a mudar o curso da guerra, tanto por parte dos atores internos, quanto pelos externos. Ao estabelecer uma comparação entre as etapas do processo de gestão de riscos e os impactos humanitários observados na Guerra na Síria, a intenção é, ao final, responder ao seguinte questionamento fundamental: Como a gestão de riscos é capaz de contribuir para a minimização de efeitos colaterais em um conflito armado, ou ainda, para o incremento do aproveitamento de uma situação positiva inesperada?

Embora o conflito ainda esteja em curso até os dias de hoje, foi escolhido o período entre seu início, no ano de 2011, até o ano de 2020, quando o mundo foi assolado pela pandemia do COVID-19. A intenção é que não se sobreponham os efeitos de ambos os

eventos, atendo a análise somente às consequências advindas do conflito, que certamente foram agravadas e somadas a outras decorrentes da pandemia.

Após esta Introdução, o Capítulo dois abordará os aspectos teóricos da gestão de riscos, onde serão definidos os conceitos envolvidos e suas fases, conforme a normas norteadoras do processo em escala mundial, cuja implementação eficaz pode resultar em operações mais seguras e eficientes, desde situações cotidianas como gerenciar um projeto e administrar segurança do trabalho, até a gestão de emergências ou em setores sensíveis como o de energia e transportes. Serão ainda particularizadas algumas questões relativas à gestão de riscos em conflitos armados, que certamente guardam especificidades que podem impossibilitar ou potencializar abordagens.

O Capítulo três versará sobre o objeto de pesquisa, a guerra civil na Síria. Desde a localização do país em uma área historicamente instável, o momento histórico em que se mostraram suas motivações, desenrolar de acontecimentos, atores internos envolvidos, e principais atores externos, até o ano de 2020.

Em seguida, o Capítulo quatro detalhará os efeitos da guerra sobre a população civil, infraestrutura e serviços essenciais. Os impactos humanitários serão analisados sob a ótica de verificar de que forma as fases da gestão de riscos poderiam diminuir os impactos na população. Serão também considerados os riscos aos quais os atores externos se expuseram ao tomarem parte do conflito, diretamente ou por procuração.

Essa organização permite uma investigação abrangente e detalhada do tema, facilitando a compreensão dos leitores sobre a complexidade da gestão de riscos em cenários de guerra civil e seus impactos humanitários.

2 ASPECTOS TEÓRICOS

Este capítulo tratará da teoria da gestão de riscos, definindo conceitos e as fases que se sucedem para maximizar sua eficácia. Serão enunciadas as bases teóricas a respeito da gestão de riscos, sobre as quais se sustentarão as análises de alguns dos eventos envolvidos no contexto da Guerra da Síria. Ao término, serão abordadas as especificidades que podem ser encontradas na gestão de riscos durante conflitos armados.

“A gestão de riscos eficaz é tão importante para garantir que você não esteja perdendo oportunidades quanto para assegurar que você não esteja assumindo riscos inadequados” (Smith, Merna e Jobling, 2006, p.188, tradução nossa¹). Inicialmente, serão explicadas algumas definições elucidativas, com o fito de padronizar o entendimento sobre termos comumente utilizados na terminologia de Gerenciamento de Risco, mas que possuem significado inerente específico.

De acordo com a norma da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) NBR ISO 31000:2018, risco é definido como o "efeito da incerteza nos objetivos" (Associação Brasileira De Normas Técnicas, 2018, p.1). Este conceito enfatiza que risco envolve tanto a possibilidade de desvios positivos quanto negativos em relação ao esperado, podendo resultar, respectivamente, em oportunidades ou ameaças, e impactar assim a capacidade de uma organização alcançar seus objetivos. Além disso, o risco é usualmente expresso considerando-se as fontes de risco, os eventos potenciais, seus impactos e suas probabilidades (ABNT, 2018).

Fonte de risco pode ser definida como “elemento que, individualmente ou combinado, tem o potencial de dar origem ao risco”(ABNT, 2018, p.2). Eventos potenciais são mudanças em um conjunto específico de circunstâncias, que podem ter diferentes causas e consequências distintas. Pode ainda ser esperado e não acontecer, ou, de forma análoga, ser inesperado e acontecer. Impactos são resultados certos ou incertos de um evento, que afetem positiva ou negativamente os objetivos da organização. Podem ainda ser expressos de maneira qualitativa ou quantitativa (ABNT, 2018).

Na terminologia de gestão de riscos, probabilidade refere-se à chance de algo acontecer, não importando se definida, medida ou determinada, ainda que objetiva ou subjetivamente, qualitativa ou quantitativamente, e se descrita utilizando-se termos gerais ou matemáticos (ABNT, 2018, p.2).

¹Do original: “*Effective risk management is as much about looking to make sure that you are not missing opportunities, as it is about ensuring you are not taking inappropriate risks*”.

O processo de gerenciamento de riscos envolve várias fases que facilitam sua abordagem sistemática e eficaz. A NBR ISO 31000:2018 e *Australian/NewZealand Standard (AS/NZS) 4360:2004* enumeram as seguintes fases-chave para o processo de gerenciamento de riscos:

1. Comunicação e consulta: O propósito da comunicação e consulta é auxiliar as partes interessadas pertinentes na compreensão do risco, na base sobre a qual decisões são tomadas e nas razões pelas quais ações específicas são requeridas. A comunicação busca promover a conscientização e o entendimento do risco, enquanto a consulta envolve obter retorno e informação para auxiliar a tomada de decisão (ABNT, 2018, p.10).

2. Estabelecimento do contexto: Define os parâmetros básicos dentro dos quais os riscos devem ser gerenciados e estabelece o escopo para o restante do processo. O contexto deve incluir as interações entre os ambientes interno e externo da organização e o propósito da atividade de gerenciamento de risco (AS/NZS, 2004, p.12, tradução nossa²).

No estabelecimento dos critérios do risco, as decisões relativas a necessidade ou não do tratamento do risco devem ser baseadas em quesitos operacionais, legais, sociais, ambientais, humanitários e outros que reflitam o contexto definido (AS/NZS, 2004).

3. Identificação de riscos: busca identificar os riscos a serem gerenciados, estejam eles dentro ou não do controle da organização. Em suma, os que podem impactar o atingimento dos objetivos identificados no contexto. Isso envolve a identificação de fontes de risco, eventos e causas (AS/NZS, 2004).

4. Análise de riscos: implica desenvolver uma compreensão sobre os riscos para fornecer informações que auxiliem nas decisões relativas à necessidade de gerenciá-los, além de definir as estratégias adequadas e eficazes para implementação. Inclui a análise das origens dos riscos, dos processos existentes para reduzi-los (riscos negativos) ou ampliá-los (riscos positivos), a avaliação de suas potenciais forças e fraquezas, os impactos positivos e negativos, e a frequência com que podem ocorrer. Os fatores que afetam o impacto e a probabilidade devem ser identificados, e sua combinação resulta no nível de risco. Esses níveis são geralmente quantificados através de análise estatística ou cálculos matemáticos. No entanto, na ausência de dados históricos confiáveis ou relevantes,

²Do original: “*Establishing the context defines the basic parameters within which risks must be managed and sets the scope for the rest of the risk management process. The context includes the organization’s external and internal environment and the purpose of the risk management activity*”.

estimativas subjetivas são necessárias, de maneira que reflitam o grau de confiança na ocorrência de um evento ou resultado (AS/NZS, 2004).

A análise de riscos pode ser conduzida de três formas distintas. A análise qualitativa faz uso de palavras para dimensionar o impacto e probabilidade de um evento ocorrer. É utilizada sobretudo como uma atividade de triagem inicial, para determinar quais, dentre os riscos identificados, requererão análise mais detalhada. Já na análise semiquantitativa, são atribuídos valores a escala qualitativa anteriormente descrita, com o objetivo de produzir uma classificação mais expandida da escala alcançada na análise qualitativa. Deve-se ter especial cuidado ao utilizar este tipo de análise, pois os valores alocados não refletem necessariamente uma relativização entre os riscos, o que pode levar a resultados inconsistentes ou inapropriados. Por fim, a análise quantitativa, mais complexa, faz uso de valores numéricos tanto para a probabilidade quanto para o impacto, levando-se em consideração fontes históricas e estatísticas. A qualidade desta análise está diretamente relacionada à integridade e acurácia dos valores (AS/NZS, 2004).

5. Avaliação de riscos: Tem como propósito a tomada de decisão sobre quais riscos devem ser tratados, bem como o estabelecimento de prioridades, tomando-se por base os resultados da fase de análise de risco. Esta fase envolve a comparação do nível de risco encontrado durante o processo de análise com os critérios de risco previamente definidos durante a fase de estabelecimento do contexto (AS/NZS, 2004, p.19, tradução nossa³).

6. Tratamento de riscos: envolve a identificação da gama de opções para o tratamento dos riscos, correspondente avaliação destas opções e a preparação da sua implementação, de acordo com sua natureza (positiva ou negativa). A seleção da opção mais apropriada envolve o confronto entre os custos envolvidos na sua implementação e os benefícios dela derivados (AS/NZS, 2004). Riscos negativos devem ser evitados, aceitos, mitigados ou transferidos, enquanto que os positivos podem ser explorados, ampliados, divididos ou simplesmente aceitos (SENNÁ, 2017).

7. Monitoramento e revisão: fatores que afetem a probabilidade e impacto de um resultado podem sofrer alterações, o que demanda que os planos de gerenciamento sofram reavaliações contínuas para manter sua relevância, possibilitando a compreensão,

³Do original: “*The purpose of risk evaluation is to make decisions, based on the outcomes of risk analysis, about which risks need treatment and treatment priorities. Risk evaluation involves comparing the level of risk found during the analysis process with risk criteria established when the context was considered*”.

internalização de lições aprendidas com o processo e a identificação de oportunidades de melhoria e ajustes necessários (AS/NZS, 2004).

8. Registro e relato: manter registros apropriados do processo de gerenciamento de riscos e relatar as informações relevantes para as partes interessadas, internas e externas, assegura a transparência e permite que todas as partes interessadas estejam informadas sobre como os riscos estão sendo gerenciados (ABNT, 2018).

Tendo em vista os aspectos observados até o momento, é possível vislumbrar que, em cenários de conflito, a gestão de riscos se reveste de complexidade um tanto maior e requer adaptações em relação ao processo tradicional. De um lado, envolve a identificação e aproveitamento de oportunidades (riscos positivos), diante das quais ações já devem estar, na medida do possível, delineadas e treinadas em alto nível, para que os riscos positivos se traduzam de fato em incremento na eficácia das operações. Como planejamento de respostas para tais riscos, pode-se incluir ações como alocação de recursos adicionais, ajuste de planos operacionais ou o desenvolvimento de novas táticas que aproveitem as oportunidades identificadas. Como exemplo, forças militares que porventura conseguissem estabelecer boas relações com as populações locais poderiam obter informações críticas sobre movimentos inimigos e esconderijos de armas, transformando essas informações em vantagens operacionais significativas.

Por outro lado, a identificação dos riscos negativos pode ser facilitada por robustos esforços de inteligência. A mutabilidade e a dinâmica de um conflito não permitem grau suficiente de previsibilidade, ao mesmo tempo em que a variável tempo também exige que as análises sejam prementes, e as ações de mitigação decorrentes sejam tempestivas. De suma importância se reveste o monitoramento e revisão como parte da continuidade do processo, diante da dinâmica de um conflito e provável surgimento de novos riscos. Particular atenção deve ter a análise pós incidentes, pelo caráter de inevitabilidade destes ocorrerem, além do acompanhamento de novas informações que surjam durante o conflito, advindos de mudanças no ambiente operacional, e das consequentes mudanças e ajustes no plano de gestão de riscos que se fizerem necessários.

Sendo assim, a preparação para múltiplos cenários pode ajudar as organizações e governos a responderem de maneira mais flexível e eficiente às surpresas táticas ou

estratégicas. A inteligência deve se estender aos aspectos social e político, entendendo as dinâmicas locais e as motivações dos diferentes grupos envolvidos.

O emprego de tecnologias também se faz indispensável no sentido de melhorar a capacidade de resposta e precisão da identificação e neutralização de ameaças, ainda mais quando se apresentam do lado oposto organizações com disponibilidade de recursos semelhantes. É fundamental adotar uma estratégia holística, que inclua tanto a gestão de riscos negativos quanto positivos. Frequentemente, ao mitigar um risco negativo, pode-se revelar uma nova oportunidade, e o inverso também é verdade. Assim, a gestão de riscos em contextos de conflito armado deve ser abrangente, assegurando que todos os elementos sejam analisados e administrados de maneira integrada. Por fim, a negociação de acordos de cessar fogo ou tréguas temporárias podem facilitar desescaladas temporárias, que fornecem, em segunda análise, tempo para quantificar e contingenciar perdas e apoios, além de abrirem espaço para soluções políticas.

3 A GUERRA NA SÍRIA

Neste momento, buscar-se-á uma contextualização no tempo e espaço da Guerra na Síria. Serão remontadas suas origens históricas, atores principais e secundários, a maneira como influenciou a região e seu entorno, e consequências gerais para os envolvidos, combatentes ou não, até o ano de 2020.

A Síria é um país situado no Oriente Médio, que faz fronteira ao Norte com a Turquia, a Leste com o Iraque, ao Sul com a Jordânia e a Oeste com Israel e Líbano. A posição da Síria como uma ponte terrestre que conecta a Ásia com a África e a Europa torna-a estrategicamente importante. Além disso, o país está próximo de várias áreas geopoliticamente sensíveis, incluindo o Canal de Suez, os campos petrolíferos do Oriente Médio, além de possuir uma faixa litorânea no Mar Mediterrâneo. Durante a história, essa localização contribuiu para seu papel como um centro de civilizações, comércio e, principalmente, conflitos regionais.

Sua independência política da França, antiga metrópole, ocorreu no pós Segunda Guerra Mundial, com o alinhamento entre o enfraquecimento francês decorrente do desgaste sofrido na guerra e pressões por forças internas da própria Síria, e externas, como dos Estados Unidos e União Soviética, culminando com a negociação da independência, que se tornou fato em 1946, com a saída definitiva das tropas francesas do país. De maioria árabe e muçulmana, tais diversidades étnicas e religiosas desempenham papel significativo na coexistência de interesses conflitantes, o que levou inevitavelmente ao agravamento das tensões e contribuiu para a complexidade dos conflitos na região.

A guerra civil na Síria se insere no contexto dos protestos contra regimes governamentais autoritários em vários países do Oriente Médio e Norte da África em meados do ano de 2010, que refletiam o descontentamento popular com as precárias condições de vida, miséria, corrupção e desemprego. A chamada Primavera Árabe teve início na Tunísia, quando, em dezembro de 2010, um vendedor ambulante incendiou-se num ato desesperado diante de sua situação econômica e pela humilhação sofrida pelas autoridades locais. Seu falecimento desencadeou uma série de protestos, que resultaram da renúncia do então presidente tunisiano, após mais de 20 anos no poder. Tal movimento inspirou manifestações semelhantes no Egito, Líbia, Iemen, Bahrein, dentre outros países (Phillips, 2020).

Bashar al-Assad é o presidente da Síria desde julho de 2000. Sucedeu Hafez al-Assad, seu pai, que governou o país desde 1974, após um golpe de Estado, até sua morte, em 2000. Ambos os governos apresentavam características autoritárias. A assunção do governo por Bashar al-Assad sugeriu inicialmente que o país passaria por reformas com maior abertura política e econômicas, o que não se mostrou significativo de fato. No campo externo, buscou e manteve, desde então, alianças com a Rússia e o Irã, sobretudo nos campos militar e econômico, o que se mostrou crucial durante a Guerra na Síria.

Embora o regime de Bashar al-Assad na Síria tivesse claramente demonstrado nos anos anteriores sua falta de interesse governar o país na direção do progresso, muitos acreditavam que o país seria indiferente à Primavera Árabe. No entanto, protestos contra o regime do governo se transformaram em uma guerra civil que perdura até os dias de hoje, e conta com uma crise humanitária severa e deslocamento massivo de populações, além de forte instabilidade política (Phillips, 2020).

Em suas fases iniciais os protestos eram pacíficos, com famílias se mobilizando em busca de mudança positiva. Os sírios comuns que integravam o ainda incipiente movimento foram veementemente rechaçados pelas forças de segurança sírias, com ameaças, prisões, uso de gás lacrimogênio e munição real. A oposição cresceu rapidamente, especialmente nas regiões mais pobres, objetivando a queda de Assad. O regime do governo empregou táticas brutais. A título de exemplo, agentes perturbadores foram colocados entre manifestantes pacíficos para atirar contra as tropas do regime, justificando resposta com força letal. Em alguns casos, a polícia secreta do regime foi colocada dentro das unidades militares e de segurança para ameaçar com execução os soldados que se recusassem a atirar nos civis. A campanha destinada a suprimir a revolução em expansão terminou por fortalecer a oposição ao governo, que se espalhou para outras cidades, onde também ocorreram violentas represálias (Phillips, 2020).

Na dimensão informacional, relatórios falsos foram entregues a grupos minoritários religiosos da Síria, alegando que os manifestantes, que eram principalmente árabes muçulmanos sunitas, na verdade seriam radicais islamistas determinados a massacrá-los, o que assustou muitos e os levou a apoiar Assad. Dezenas de milhares foram presos e torturados, enquanto manifestantes mulheres foram vítimas de assédio sexual por parte de integrantes do regime. Diante de tal violência e brutalidade, segmentos da oposição, que surgiram como um movimento localizado e amplamente sem líderes, reagiram. Milícias locais foram formadas para autodefesa, mas à medida que milhares desertaram

do exército de Assad em desgosto, esses grupos se fortaleceram e começaram a desafiar o regime diretamente(Phillips, 2020). Era o embrião do que viria a ser o Exército Livre da Síria(ELS), que, após inicialmente contar com militares desertores, passou a angariar também civis em seus contingentes. “Uma recusa total tanto do governo local quanto nacional em permitir dissidência aberta incentivou diretamente a escalada do protesto e o nascimento de uma revolução”⁴(Lister, 2016, tradução nossa, p.xi).

A natureza descentralizada da oposição, que lhe permitiu sobreviver a múltiplas prisões, provou ser um obstáculo para a condução de uma campanha militar. Os rebeldes formaram mais de 1.000 milícias independentes, muitas vezes centradas em um indivíduo, região ou ideologia específica, prejudicando os esforços subsequentes para coordená-los sob uma única estrutura de comando. Diferenças pessoais e ideológicas, particularmente sobre o papel do Islã, só fizeram aumentar, à medida que o conflito se prolongava. A falha em desferir um golpe decisivo em Assad contribuiu para as recriminações dos rebeldes e o crescente apelo de grupos radicais emergentes(Phillips, 2020).

A Síria representa o centro do mundo para a militância jihadista⁵. Desde 2011, houve um aumento notável no número de novos seguidores do jihadismo, especialmente de estrangeiros, o que intensificou a chegada de não sírios ao país e reforçou a projeção e viabilidade a longo prazo do jihad. Esse desenvolvimento atraiu a atenção do Estado Islâmico (EI), que viu oportunidades de tirar proveito da complexidade do conflito. Além do EI, outros grupos jihadistas perceberam o conflito sírio de maneira similar, deslocando suas lideranças e influência para a Síria, como a Jabhat al-Nusra, vinculado à al-Qaeda, que estabeleceu uma presença mais duradoura no país do que o EI. Ao focar no recrutamento de pessoas contra Bashar al-Assad, o grupo conseguiu evitar o isolamento que o EI enfrentou, colocando-os em uma trajetória de confronto direto (Lister, 2016).

Portanto, o jihad na Síria representa uma narrativa complexa que envolve uma vasta gama de atores jihadistas em meio a uma das guerras civis mais intensas da história recente. Embora a emergência do ELS em 2011 inicialmente parecesse indicar o surgimento de uma oposição armada síria organizada e moderada, sua liderança,

⁴ Do original: “A total refusal by both local and national government to allow for open dissent directly encouraged the escalation of protest and the birth of a revolution”.

⁵ Os movimentos jihadistas são formados por grupos que interpretam a jihad principalmente como uma luta armada contra aqueles que percebem como inimigos do Islã. Esses grupos geralmente defendem uma visão extremista e militante, argumentando que a violência é não apenas justificável, mas necessária para defender a fé islâmica contra ameaças externas e corrigir injustiças contra muçulmanos (BBC News Brasil, 2014).

estabelecida fora da Síria, limitou significativamente sua eficácia em comando e controle. Apesar do suporte financeiro substancial de outros atores regionais, esforços para unificar esse apoio falharam, levando à proliferação de facções insurgentes que, por sua vez, enfraqueceram a capacidade desses grupos de representarem uma ameaça real ao regime de Assad. Assim, o ELS era apenas um entre vários movimentos insurgentes armados que surgiram em meados de 2011. Com o tempo, grupos no extremo mais islamista do espectro insurgente começaram a exibir níveis superiores de organização e receberam apoio externo mais substancial (Lister, 2016).

Nesse cenário de multiplicação insurgente, incapacidade de unificação e intensificação da violência, os jihadistas encontraram e estabeleceram suas bases fundamentais. Além disso, a proximidade geográfica com a Europa e a importância atribuída à Síria nas tradições islâmicas tornaram o país um destino atraente para os jihadistas estrangeiros desde o começo. Estes, aproveitando-se das mesmas deficiências sistêmicas, foram gradualmente atraídos pelos grupos de ideologias mais radicais, buscando integrar-se a uma "equipe vencedora" em um contexto cada vez mais dominado pelo islamismo radical (Lister, 2016).

A rápida expansão do uso, influência e potencial das mídias sociais também complicou a coesão entre os grupos de oposição na Síria.

Qualquer grupo que pretendesse ser levado a sério na Síria mantinha contas de mídias sociais em múltiplas plataformas diferentes, o que por si só induzia uma dinâmica de autopromoção que muitas vezes era contrária à apresentação de uma única oposição unificada. Os jihadistas em particular se mostraram especialmente adeptos na gestão de seu uso das mídias sociais e na produção de vídeos e imagens de qualidade superior, o que ainda demonstrava a reputação de profissionalismo que estavam ganhando no campo de batalha (Lister, 2016, p.4, tradução nossa⁶).

Desse modo, o segmento sunita jihadista da insurgência síria desenvolveu uma dinâmica interna distinta, e, conforme o movimento jihadista crescia, grupos como a al-Qaeda e o EI começaram a dominar, influenciando e alinhando as demais facções em torno deles (Lister, 2016).

A guerra civil síria e o levante jihadista passaram por diversas etapas distintas. Iniciando-se com a revolução no começo de 2011 até aproximadamente meados de 2012,

⁶Do original: "Any group intending to be taken seriously in Syria maintained social media accounts on multiple different platforms, which by itself induced a dynamic of self-promotion that was often contrary to the presentation of a single unified opposition. Jihadists in particular proved especially adept at managing their use of social media and the production of qualitatively superior video and imagery output, which further demonstrated the reputation of professionalism that they were gaining on the battlefield."

a fase inicial foi marcada por uma insurgência nascente em meio a uma crescente repressão estatal. A interação dessas duas forças opostas levou à escalada da revolução síria para um conflito civil intenso e complicado, onde os grupos jihadistas encontraram espaço para legitimar sua luta em defesa dos civis sunitas contra a opressão severa e generalizada do governo (Lister, 2016).

A maior parte da oposição insurgente na Síria colaborou com a Jabhat al-Nusra até o final de 2012. Embora essa cooperação persistisse apesar das grandes diferenças ideológicas, continuava porque uma oposição militar eficaz contra o regime de Assad era vista como uma prioridade maior. Contudo, existia uma alternativa potencialmente mais vantajosa a essa cooperação com os jihadistas: um relacionamento mais estreito e benéfico com a comunidade internacional. No entanto, o mundo ocidental não conseguiu se aproximar e apoiar uma frente ampla de oposição dentro da Síria para persuadir outros a retirar seu apoio aos jihadistas. Essa notável falta de envolvimento em fortalecer uma oposição insurgente na Síria permitiu que os jihadistas se estabelecessem como os principais atores no cenário sírio (Lister, 2016).

Essa etapa foi seguida por um período de sucessos significativos para os insurgentes. No sul da Síria, a região começou a consolidar-se como uma fortaleza do ELS, enquanto o norte se tornava um terreno mais propício para grupos de orientação islâmica, incluindo os jihadistas. Durante 2012 e 2013, islamistas no norte conduziram uma sequência de vitórias estratégicas importantes contra o regime, o que facilitou a integração da Jabhat al-Nusra na luta insurgente mais ampla. Como resultado, o grupo conseguiu angariar um amplo apoio nacional, especialmente depois que os Estados Unidos o classificaram como uma organização terrorista, provocando protestos em todo o país e refletindo num aumento na aceitação do grupo entre a população sunita (Lister, 2016).

Após uma série de vitórias marcantes dos insurgentes, uma nova etapa começou em meados de 2013, caracterizada pelo fortalecimento do regime de Bashar al-Assad. “Essa etapa foi mais uma recuperação por parte do regime do que uma vitória clara, resultando em um impasse estratégico onde nem a oposição, nem os jihadistas, nem o regime e suas milícias encontravam-se em posição de decisivamente ‘ganhar’ o conflito”(Lister, 2016, p.5, tradução nossa⁷). Durante essa fase, além das atrocidades cometidas pelo regime, ocorreu uma divisão importante no seio dos jihadistas, resultando

⁷Do original: “*This phase represented one of regime recovery rather than victory, and the long-term outcome was more of a strategic stalemate, in which neither the opposition, nor the jihadists, nor the regime and its supporting militias were in a position decisively to ‘win’ the conflict*”.

na separação da Jabhat al-Nusra e do EI, com a chegada deste último na Síria também em 2013. Desde então, o EI adotou uma postura agressiva contra as facções opositoras, beneficiando indiretamente o regime de Assad.

“Enquanto o regime aproveitava para abrir outras frentes de conflito, as principais mudanças estratégicas até meados de 2014 ocorreram entre o EI e o restante da oposição armada”(Lister, 2016, p.6, tradução nossa⁸). Depois de sofrer reveses, o EI buscou expandir sua influência, estendendo o conflito para além da Síria, especialmente para o Iraque. Essa expansão trouxe uma onda de terror e choque ao mundo, o que levou a uma intervenção militar internacional liderada pelos Estados Unidos contra alvos jihadistas no Iraque e na Síria em 2014.

Isso introduziu um novo e perigoso elemento de antiocidentalismo no conflito sírio, especialmente entre as facções jihadistas, mas também em grande parte da oposição mais ampla, que acusou o Ocidente de permitir mais de três anos de mortes civis nas mãos do regime de Assad antes de intervir contra os jihadistas (Lister, 2016, p.6, tradução nossa⁹).

Assim, ao iniciar 2015, a complexidade do conflito se intensificou, abrangendo dimensões locais, nacionais, regionais e internacionais. Embora ainda compartilhassem o mesmo objetivo final, al-Qaeda e o EI desenvolveram métodos de operação distintos. Essas estratégias divergentes desencadearam debates significativos dentro da comunidade jihadista, levando a uma polarização. Ao manejar de forma pragmática suas relações com a insurgência mais ampla, a Jabhat al-Nusra limitou a sobreposição de seus objetivos com os da al-Qaeda (Lister, 2016).

Enquanto a atenção da comunidade internacional estava fortemente voltada para combater o Estado Islâmico no Iraque, ficou claro que, na Síria, as ações anti jihadistas se concentravam mais em medidas de contraterrorismo pontuais do que em uma estratégia ampla de eliminação desses grupos. Mesmo com o aumento da confiança e os sucessos contínuos da insurgência nos primeiros meses de 2015, tanto a Jabhat al-Nusra quanto o Estado Islâmico permaneceram como atores de peso e influência no cenário de poder na Síria (Lister, 2016).

⁸Do original: “*While the regime attempted to exploit the opening up of another front in the conflict, the major strategic shifts through mid-2014 were between ISIS and the remainder of the armed opposition*”.

⁹Do original: “*This introduced a new and dangerous element of anti-Westernism into the conflict in Syria—especially within jihadist factions, but also across much of the wider opposition, which accused the West of willingly allowing over three years of civilian deaths at the Assad regime’s hands, only later to intervene against the jihadists*”.

Frente à significativa perda de controle sobre o território sírio para uma variedade de grupos opositores, a sobrevivência do governo de Assad estava diretamente ameaçada, com sua autoridade sendo cada vez mais reduzida. Além disso, o prolongado conflito havia debilitado severamente as Forças Armadas da Síria. O exército sírio lidava com baixa moral, desertores e desafios crescentes para recrutar novos soldados. Essa erosão da capacidade militar deixava o regime incapaz de se defender de forma eficiente sem auxílio externo (Lister, 2016).

Assad encontrou na Rússia um aliado confiável capaz de oferecer o suporte necessário não só em termos militares, mas também no palco político internacional, contrapondo a influência ocidental. O apoio da Rússia foi também motivado por um interesse em reafirmar sua influência no Oriente Médio e desafiar a hegemonia ocidental na região. Manter Assad no poder era de suma importância para a Rússia, visando preservar seus interesses estratégicos no Mediterrâneo e no Oriente Médio. O pedido de ajuda feito a Moscou em 2015 foi, portanto, um ato de desespero, mas estrategicamente calculado por Assad para assegurar a continuidade de seu regime (Phillips, 2020).

A intervenção militar russa provou ser decisiva, não apenas estabilizando as posições do governo sírio, mas também possibilitando a reconquista de territórios importantes. Em 2016, com o apoio da Rússia e do Irã, o governo sírio iniciou uma grande ofensiva para retomar a cidade de Aleppo, que estava parcialmente sob controle rebelde. A batalha de Aleppo, notória pela sua brutalidade, concluiu-se em dezembro de 2016 com a vitória do governo, marcando um ponto de virada no conflito e fortalecendo significativamente a posição de Assad frente a seus oponentes (Phillips, 2020).

O ano de 2017 foi um marco na guerra civil síria, caracterizado por alterações notáveis no campo de batalha, avanços políticos significativos e mudanças nas dinâmicas internacionais. Durante este período, as Forças Democráticas Sírias (FDS), formadas com apoio dos EUA em outubro de 2015 e com foco mais específico na luta contra o EI, iniciaram uma ofensiva para reconquistar Raqqa, que era considerada a capital não oficial do EI. A reconquista de Raqqa marcou a queda de um dos mais importantes redutos urbanos do EI na Síria. Ao mesmo tempo, as forças do governo sírio, com o suporte da Rússia e de milícias aliadas, fizeram progressos significativos ao retomar áreas controladas pelo EI. Essas ações foram acompanhadas pela tentativa de implementar zonas de desescalada em várias partes da Síria, buscando diminuir a violência e facilitar a entrega de ajuda humanitária, embora esses objetivos não tenham sido completamente alcançados. Internacionalmente, esforços para alcançar uma solução política pacífica

esbarraram nas diferenças profundas entre o regime de Assad e os grupos insurgentes (Phillips, 2020).

No começo de 2018, o regime sírio e seus aliados iniciaram uma das mais intensas campanhas para recuperar Ghouta Oriental, um dos últimos postos avançados rebeldes, consolidando assim o controle sobre a capital, Damasco. Posteriormente, as províncias de Daraa e Quneitra, estrategicamente importantes devido à sua proximidade com a Jordânia e as Colinas de Golã, também foram recuperadas (BBC News Brasil, 2018).

Em 2019, apesar das intenções iniciais do presidente americano Donald Trump de retirar completamente as tropas, os EUA realizaram uma retirada parcial da Síria, mantendo forças para proteger os campos de petróleo e dar continuidade ao suporte em algumas operações remanescentes contra o EI. Tal retirada comprometeu ainda a segurança do povo curdo, aliado dos americanos no combate ao EI, deixados a partir de então sujeitos à ofensivas turcas, por quem eram considerados terroristas (Carta Capital, 2019).

Em 2020, o território sírio foi palco de conflitos diretos entre forças sírias, apoiadas pela Rússia, e contingentes turcos. Os confrontos buscavam a retomada, por parte da Síria, do território de Idlib, então último grande reduto de rebeldes contra o regime. No aspecto diplomático, Rússia, Irã e Turquia trabalharam em busca de uma resolução política para o conflito, culminando na criação de uma zona desmilitarizada em Idlib, o que preveniu uma ofensiva governamental na região e, de certa forma, simbolizou uma diminuição da intensidade dos combates, se comparados aos anos anteriores (Phillips, 2020).

Ao longo de seu conflito, a Síria foi fragmentada. A pandemia do COVID-19 encontrou o país já desgastado por quase uma década de guerra, exacerbando ainda mais a já grave crise humanitária e dificultando as operações de ajuda. Neste contexto, os EUA ainda implementaram medidas de imposição de severas sanções econômicas ao governo de Assad, com vistas a aumentar a pressão no governo sírio por mudanças políticas e pelo fim das violações dos direitos humanos contra a população civil. Este fato também contribuiu para o agravamento da crise, em virtude dos impactos econômicos, inflação e escassez de produtos básicos, gerando ainda mais protestos, corroborando a complexidade da situação e adicionando mais incerteza acerca da solução do conflito (Phillips, 2020).

A dominação dos EUA sobre a região após a Guerra Fria estava se desfazendo. Os EUA ainda eram o ator mais poderoso e desempenharam um papel proeminente na

política regional. No entanto, não desfrutavam mais da hegemonia percebida dos anos 1990 e 2000.

Ao mesmo tempo, Irã, Turquia e os estados do Golfo emergiram como potências regionais, se beneficiando do resultado da guerra do Iraque de 2003 e de um boom de hidrocarbonetos para aumentar seu ativismo regional. A Rússia também aproveitou o clima geopolítico e econômico favorável para fortalecer seus laços com a região após várias décadas de ausência. Paralelamente, as potências regionais tradicionais enfraqueceram. O Iraque foi consumido pela guerra civil e, como Egito e Síria após 2011, foi transformado de um "jogador" na política regional em um "prêmio" pelo qual outras potências lutariam. Israel permaneceu em grande parte inalterado por essas mudanças, mas com seu processo de paz estagnado, sua capacidade de influenciar a região foi limitada (Phillips, 2020, p.4, tradução nossa¹⁰).

A quebra de um sistema antigo e a emergência de um novo não acontecem da noite para o dia. O que importa para a análise da guerra civil síria é que ela ocorreu em uma era de incerteza regional à medida que a percepção da hegemonia dos EUA lentamente se desfazia. A guerra civil síria não apenas foi moldada e impulsionada por esse ambiente regional, mas por sua vez reforçou a tendência para a multipolaridade e o fim da dominação dos EUA.

Os fatores internacionais desempenham um papel central em qualquer análise do conflito. De fato, há interação entre atores internos e externos, e os sírios não são simplesmente vítimas passivas. Além da estabilidade geral da região, envolvendo a ocorrência recente de conflitos nas proximidades e a facilidade de acesso às armas, o número de grupos étnicos compartilhados com estados vizinhos, a escassez de governos democráticos na região, e a falta de integração econômica regional aumentaram a probabilidade de guerra civil. Além disso, quanto mais atores externos envolvidos, mais provável é que a guerra civil dure, pois é improvável que cessem seu envolvimento até que suas agendas sejam atendidas e, quanto mais atores em jogo, mais difícil para qualquer resolução satisfazer todas as agendas (Phillips, 2020).

“O Ocidente, incluindo os Estados Unidos, juntamente com a Arábia Saudita, Qatar e Turquia, agindo sozinhos, em grupos ad hoc, ou em conjunto, têm sido os principais

¹⁰Do original: “At the same time new regional powers were emerging. Iran, Turkey and the Gulf states, previously peripheral players, all benefited from the fallout of the 2003 Iraq war and a hydrocarbons boom to increase their regional activism. Russia also took advantage of the favourable geopolitical and economic climate to strengthen its ties to the region after several decades’ absence. In parallel, traditional regional powers weakened. Iraq was consumed by civil war and, like Egypt and Syria after 2011, was transformed from being a ‘player’ in regional politics into a ‘prize’ for other powers to fight over. 4 Israel remained largely unaffected by these changes, but with its peace process making no progress, its ability to project influence in the region was limited”.

apoiadores da oposição (Gelvin, 2017, p.66, tradução nossa¹¹).” Os EUA, inicialmente, adotaram uma postura de apoio aos movimentos rebeldes contra o regime de Bashar al-Assad. Essa postura foi influenciada pelo desejo de promover a democracia e os direitos humanos, bem como pela oposição ao uso de armas químicas por parte do governo sírio. A intervenção direta dos EUA na Síria foi caracterizada por uma combinação de apoio aéreo, treinamento e fornecimento de armas a grupos selecionados, com uma ênfase particular em evitar uma grande presença de tropas terrestres, refletindo uma mudança na política externa americana pós-Iraque. O então presidente Barack Obama declarou que o uso de armas químicas por Assad justificaria a intervenção dos EUA. No entanto, apesar dessas declarações, a resposta foi limitada e inconsistente, refletindo uma relutância em se envolver diretamente com tropas no solo (Phillips, 2020).

Os grupos de oposição sírios foram apoiados com fornecimento de assistência militar, financeira e logística. Esse apoio foi coordenado por vários meios, incluindo o estabelecimento do Comando de Operações Militares (COM) em Amã, na Jordânia. O COM desempenhou um papel crítico na unificação das operações dos grupos de oposição, aumentando sua eficácia em lançar campanhas contra o regime de Assad. No entanto, esse apoio teve consequências humanitárias significativas. O influxo de armamento avançado e apoio militar prolongou o conflito, levando a um aumento de baixas civis e deslocamentos. A incapacidade da oposição de manter uma frente unificada e a tendência de grupos moderados se fragmentarem ou venderem armas para facções extremistas exacerbaram ainda mais a violência e a instabilidade na Síria. Essa desorganização entre os grupos de oposição levou a uma guerra caótica e prolongada, impactando diretamente a população civil através da violência aumentada e da destruição de infraestrutura (Gelvin, 2017).

A intervenção da Rússia foi motivada por vários fatores: proteger seu aliado de longa data, Bashar al-Assad, garantir seus interesses estratégicos na região, incluindo a manutenção de sua base naval em Tartus, e afirmar-se como uma potência global capaz de desafiar a hegemonia dos Estados Unidos. A Rússia forneceu um suporte militar substancial, incluindo aviões de guerra, Forças Especiais, artilharia e unidades de tanques. Essa intervenção foi crucial para virar a maré do conflito a favor do governo sírio, especialmente durante períodos críticos quando o regime enfrentava reveses severos (Gelvin, 2017).

¹¹Do original: "The West, including the United States, along with Saudi Arabia, Qatar, and Turkey, acting alone, in ad hoc group- ings, or in concert, have been the principal supporters of the opposition".

Como o Irã, a Rússia fornece armas à Síria. Em 2014, a Rússia havia contratado a venda de cerca de cinco bilhões de dólares em armas para o governo sírio. (Depois que a Rússia demonstrou como essas armas poderiam mudar o rumo no campo de batalha sírio um ano depois, economistas previram que os pedidos globais de armas russas aumentariam em seis a sete bilhões de dólares) (Gelvin, 2018, p.62, tradução nossa¹²).

"Mais importante, a Rússia forneceu cobertura diplomática ao regime sírio. A Rússia bloqueou inúmeras resoluções do Conselho de Segurança da ONU que condenavam as ações do regime sírio (Gelvin, 2017, p.63, tradução nossa¹³)". Essa cobertura diplomática permitiu que o regime de Assad continuasse suas campanhas militares impunemente, contribuindo para o sofrimento generalizado da população civil. As operações militares russas, incluindo bombardeios indiscriminados de artilharia contra forças rebeldes, levaram a um número significativo de baixas civis e à destruição de infraestrutura essencial, agravando ainda mais a crise humanitária (Gelvin, 2017).

Dado o exposto, conclui-se que esta complexa dinâmica de poder, em detrimento das considerações humanitárias, influenciou profundamente o curso da guerra, contribuindo para a prolongação e intensificação do conflito sírio, embora de maneiras diferentes. De um lado, o apoio dos Estados Unidos, embora destinado a combater o regime de Assad, resultou em uma oposição fragmentada e ineficaz, que falhou em consolidar o controle, levando a uma violência prolongada e instabilidade. Por outro lado, a intervenção militar direta da Rússia e o apoio diplomático ao regime de Assad permitiram que o governo lançasse ofensivas brutais contra áreas controladas pelos insurgentes, resultando na escalada dos impactos humanitários, representados, sobretudo, pelas extensas baixas civis e deslocamento generalizado.

¹²Do original: "Like Iran, Russia provides Syria with weapons. As of 2014, Russia had contracted for close to 5 billion dollars' worth of arms to sell to the Syrian government. (After Russia displayed how those weapons could turn the tide on the Syrian battlefield a year later, economists predicted global orders for Russian weapons would increase by \$6 to 7 billion)".

¹³Do original: "Most important, Russia has provided the Syrian regime with diplomatic cover. Russia has blocked numerous UN Security Council resolutions that condemned actions taken by the Syrian regime".

4 IMPACTOS HUMANITÁRIOS E RISCOS AOS ATORES EXTERNOS

A guerra civil síria teve (e ainda tem) impactos devastadores na população civil e no tecido social e econômico do país. Os efeitos dessa prolongada crise são amplos e profundamente trágicos, afetando milhões de vidas em diversas formas.

Um relatório das Nações Unidas estimou que, até o final de 2013, a Síria já havia regredido quarenta anos em seu desenvolvimento humano. Dois anos depois, metade de seus hospitais públicos havia sido fechada, apenas cerca de metade de suas crianças estava frequentando a escola e mais de 80 por cento dos sírios viviam na pobreza, um terço na miséria absoluta. Milhares de casos de doenças há muito ausentes, como tifo e sarampo, retornaram devido à falta de vacinação. Grandes partes das cidades da Síria estavam em ruínas. A economia estava arruinada. Centenas de locais do precioso patrimônio cultural do país, incluindo cinco dos seus seis sítios do Patrimônio Mundial da UNESCO, foram danificados ou destruídos. A expectativa de vida média de um sírio caiu de setenta para cinquenta e cinco anos em quatro anos (Phillips, 2020, p.1, tradução nossa¹⁴).

Em que pese se tratar de uma guerra civil, com todo o aparato de complexidade intrínseco, tais como a dificuldade de identificação das partes oponentes, a característica autoritária do governo e a relativa legitimação da utilização da violência em prol de um ideal religioso, além dos diferentes apoios recebidos pelos atores mais relevantes, a partir deste momento, os principais impactos humanitários serão expostos e analisados a luz do processo convencional de Gestão de Riscos. O foco se concentrará em verificar a relação de causa e efeito entre as fases e as consequências decorrentes da falha ou sucesso dessas, levando-se em consideração os atos do governo, normalmente quem detém, por força de lei, a autoridade garantida do emprego da força. Da mesma forma, veremos exemplos de eventos em que se apresentaram riscos positivos que se transformaram em vantagens, independente do ator que os aproveitou, os quais serão analisados também sob a ótica de que fase da gestão de riscos foi preponderante para a obtenção do sucesso, seja de maneira consciente ou não.

¹⁴Do original: "A United Nations report estimated that by the end of 2013 Syria had already regressed forty years in its human development. Two years later, half of its public hospitals had been closed, barely half of its children were attending school and over 80 per cent of Syrians were living in poverty, a third in abject poverty. Thousands of cases of long-absent diseases like typhoid and measles returned due to a lack of vaccination. Large parts of Syria's cities were rubble. The economy was in ruins. Hundreds of the country's precious cultural heritage locations, including five of its six UNESCO World Heritage Sites, had been damaged or destroyed. The average life expectancy of a Syrian dropped from seventy to fifty-five in four years".

4.1 MORTOS E FERIDOS NO CONFLITO

Com primeiro impacto humanitário, abordaremos as vítimas físicas do conflito, que vieram a óbito, seja por razão direta ou indireta do conflito, ou que de alguma forma sofreram ferimentos. Diz-se de razão indireta ao tratar-se de baixas como consequência da falta de acesso aos cuidados médicos adequados para tratar ferimentos ou condições crônicas.

Milhares de pessoas foram mortas e muitas outras feridas ao longo do conflito. As estimativas variam amplamente, com números que chegam a centenas de milhares de mortos. O Observatório Sírio para os Direitos Humanos, um grupo de monitoramento com base no Reino Unido, registrou a morte de mais de 300.000 pessoas até 2021, sendo, dentre elas, aproximadamente 30% de civis (Carta Capital, 2021). Este número não incluiu as pessoas que estavam desaparecidas e presumidamente mortas, incluindo civis que teriam morrido em prisões administradas pelo governo onde se praticava tortura. Além de causar centenas de milhares de mortes, a guerra deixou mais de dois milhões de civis feridos ou permanentemente incapacitados (Globo Comunicações e Participações S.A, 2021). O número verdadeiro de vítimas provavelmente é maior, pois a contagem oficial não considera as pessoas que foram enterradas por suas famílias sem notificação às autoridades. Essa contagem inclui apenas as mortes diretamente causadas por operações de guerra, excluindo civis que faleceram devido à falta de acesso a cuidados de saúde, alimentação e outros direitos humanos básicos (Deutsche Welle Brasil, 2022).

A análise da gestão de riscos revela falhas significativas em diversas fases, que contribuíram para o quantitativo de mortos e feridos. Uma das primeiras falhas pode ter sido na fase de comunicação e consulta. A falta de uma comunicação impede que informações críticas sobre riscos iminentes sejam disseminadas adequadamente, resultando em uma população civil desinformada e, conseqüentemente, mais vulnerável aos perigos do conflito. A comunicação inteligente por parte do governo poderia, por um lado, ter desencorajado oponentes de atos de insurgência, diante do histórico de violência das forças governamentais.

Na fase de estabelecimento do contexto, os parâmetros humanitário e social podem ter sido subestimados ou negligenciados, o que resultou em critérios de risco mal definidos. As decisões tomadas não refletiram adequadamente as necessidades operacionais, legais, sociais e humanitárias, exacerbando os impactos sobre a população civil.

A identificação de riscos deveria ter envolvido todas as fontes de risco, eventos e suas causas que poderiam impactar os objetivos. Entretanto, muitos riscos inerentes ao ambiente de conflito, como os associados à infraestrutura médica e ao acesso a recursos básicos, não foram identificados ou foram subestimados. Esta falha se refletiu na análise de riscos, resultando em estratégias ineficazes em capturar a gravidade dos impactos sobre a população civil, especialmente no que diz respeito à falta de acesso a cuidados médicos e a condições crônicas de saúde.

Por fim, um monitoramento contínuo e revisões adequadas dos planos de risco permitiria que as estratégias fossem ajustadas conforme a situação evoluía, resultando em uma resposta mais eficaz às mudanças dinâmicas do conflito e suas consequências humanitárias.

4.2 DESLOCAMENTO POPULACIONAL

O conflito provocou também um dos maiores movimentos de deslocados internos e refugiados na história recente. Milhões de sírios foram forçados a abandonar suas casas, buscando segurança em outras partes do país ou atravessando fronteiras para países vizinhos no Oriente Médio e na Europa. Segundo a Agência da Nações Unidas para refugiados, a Síria continua sendo origem da maior crise de deslocamento forçado do mundo. Em 2021, a Turquia era o país que abrigava o maior número de refugiados sírios registrados. Muitos campos de refugiados enfrentavam condições precárias e insuficiência de serviços básicos. A maioria dos refugiados sírios na região vivia em condições de pobreza. Para pessoas em condições de maior vulnerabilidade, como crianças abandonadas e pessoas com deficiência, as perspectivas eram particularmente sombrias. A situação seria ainda mais grave se alguns países anfitriões não tivessem adotado medidas positivas, como permitir o acesso dos refugiados ao mercado de trabalho, aos cuidados de saúde pública e a uma variedade de outros serviços. Esses esforços foram realizados apesar do elevado número de refugiados acolhidos por esses países. Enquanto isso, as necessidades humanitárias dentro da Síria continuam a crescer. Contudo, alguns sírios optam por retornar para suas casas, o que aumenta as necessidades gerais de reintegração. A decisão pelo retorno à terra natal por parte dos refugiados se dá por diversos motivos, incluindo segurança, direitos de propriedade e oportunidades de subsistência (Agência da ONU para Refugiados, 2024).

Também em relação aos deslocamentos populacionais internos e êxodo de refugiados, falhas na fase de comunicação e consulta entre as autoridades e a população civil podem ter contribuído significativamente para estes fenômenos e impedido que medidas preventivas fossem tomadas para evitar a fuga em massa. Sem informações claras sobre zonas seguras e rotas de evacuação, muitos civis podem ter sido forçados a deixar suas casas de maneira desorganizada e perigosa.

O estabelecimento do contexto pode não ter considerado adequadamente os impactos humanitários e sociais do conflito. Uma compreensão mais aprofundada do contexto local e das necessidades da população resultaria em um estabelecimento de critérios de risco adequado, contemplando a escala do deslocamento forçado e suas consequências. Isto amenizaria a pressão sobre os recursos e infraestruturas dos países receptores, diminuindo tensões políticas e sociais.

A análise de riscos pode não ter considerado plenamente a magnitude do movimento populacional, subestimando o número de pessoas que seriam afetadas e a extensão dos recursos necessários para atendê-las, levando a condições precárias nos campos de refugiados e insuficiência de serviços básicos.

As opções de tratamento de risco, se adequadamente planejadas ou executadas, poderiam resultar em uma crise de deslocamento em menor escala. Os campos de refugiados receberiam o suporte necessário, e a redução da insuficiências de serviços básicos, como saúde e educação, diminuiria a gravidade a situação das populações mais vulneráveis. As condições precárias nos campos, e o aumento da pobreza entre os refugiados destacam a necessidade de estratégias de mitigação eficazes. Além disso, o aumento de abandono escolar e casamentos precoces exaltam a profundidade do impacto negativo na situação das crianças.

4.3 COMPROMETIMENTO DE INFRAESTRUTURAS CRÍTICAS

A infraestrutura crítica, incluindo moradias, escolas, hospitais, estradas e sistemas de água e saneamento, foi destruída ou gravemente danificada em muitas áreas, colapsando os serviços de saúde. O atingimento de estruturas protegidas (instalações médicas, por exemplo, veio a vitimar também profissionais de saúde) resultou em uma drástica redução na capacidade do país de tratar feridos e administrar serviços de saúde regulares, agravando surtos de doenças e aumentando as taxas de mortalidade por

causas tratáveis, complicando os esforços de recuperação e reconstrução e agravando a crise humanitária (Phillips, 2020).

No contexto da infraestrutura crítica na Síria, uma comunicação eficaz entre autoridades, forças armadas e a população civil poderia ter resultado em uma maior conscientização sobre a localização das infraestruturas protegidas, garantindo a continuidade dos serviços essenciais e reduzindo o impacto humanitário negativo do conflito. Isso poderia ter ajudado a evitar ataques a essas estruturas, preservando sua integridade e funcionalidade. Ainda que tomassem parte do conflito grupos irregulares, milícias armadas e tantas outras facções de insurgentes, é de interesse comum que tais infraestruturas fossem preservadas.

Uma melhor definição do contexto incluiria uma compreensão detalhada das interações entre os ambientes interno e externo e o impacto potencial do conflito nas infraestruturas críticas. O estabelecimento de critérios de risco que considerassem as necessidades operacionais, legais e humanitárias ajudaria a priorizar a proteção dessas infraestruturas, garantindo que ações fossem tomadas para minimizar seu impacto negativo. Decerto que esta fase necessitaria grande integração à fase anterior, de comunicação e consulta, por parte do governo, como parte organizada do conflito. A valorização dos interesses da coletividade no pleno funcionamento dessas infraestruturas poderia ter um efeito de desencorajar que fossem alvos de grupos insurgentes, configurando-se desta forma como um risco positivo e oportunidade do governo angariar apoio da população ao regime, ou pelo menos valer-se de ferramentas de informação para abalar o prestígio de grupos locais de influência.

A identificação de riscos específicos para infraestruturas críticas permitiria a criação de estratégias também específicas para protegê-los, possibilitando que a análise de riscos determinasse a probabilidade e o impacto de ataques ou danos a essas infraestruturas, permitindo a implementação de medidas preventivas adequadas. Medidas para tratamento de riscos poderiam incluir a fortificação física das instalações, o estabelecimento de zonas de exclusão ao redor de hospitais e escolas, e a criação de rotas de evacuação seguras para civis. Além disso, medidas para garantir o fornecimento contínuo de serviços essenciais, mesmo em áreas de conflito, poderiam ser desenvolvidas e implementadas para minimizar o impacto na população.

Um monitoramento contínuo das infraestruturas críticas e proteções porventura instauradas para mitigar os riscos permitiria uma resposta rápida a qualquer ameaça emergente, ajustando os planos conforme necessário para garantir a proteção dessas

instalações. Isso ajudaria a manter a funcionalidade dos serviços essenciais, como saúde e educação, mesmo durante o conflito.

A manutenção de registros apropriados e relato das informações relevantes para todas a população e partes envolvidas no conflito como um todo, a documentação das medidas tomadas, bem como os riscos identificados e as estratégias implementadas, ajudaria a criar um banco de dados que poderia ser utilizado para melhorar continuamente as práticas de gerenciamento de riscos e garantir a proteção das infraestruturas críticas, além de oferecer transparência e facilitar o pedido de apoio externo e demonstração de uma postura acertada por parte do governo diante da comunidade internacional.

4.4 INFÂNCIA DESPEDAÇADA

As crianças sírias foram particularmente afetadas, com muitas crescendo em um ambiente de violência, deslocamento e trauma. A interrupção prolongada da educação tem implicações a longo prazo para o desenvolvimento e as oportunidades futuras dessas crianças e, conseqüentemente, para o país. Muitas escolas foram destruídas ou transformadas em abrigos, deixando uma geração sem acesso adequado à educação. Segundo o fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), até o ano de 2020, 4,8 milhões de crianças nasceram na Síria no decorrer da guerra. Outros um milhão nasceram como refugiados em países vizinhos. Dados também apontam que mais de nove mil pequenos foram mortos ou feridos desde o início dos ataques. Além disso, milhares de crianças foram recrutadas para lutar, onde só em 2018, 1.006 morreram em combate. Em 2018, a UNICEF informou que 4,9 milhões de crianças nascidas na Síria conseguiram continuar seus estudos durante os conflitos. Apesar dessa conquista, a mesma publicação destacou que 2,8 milhões de crianças sírias estavam fora da escola, das quais 40% nunca iniciaram a vida escolar (Agência Experimental de Comunicação Íntegra, 2021).

A falta de comunicação eficaz entre autoridades, ONGs, educadores e a população civil impede a disseminação de informações cruciais sobre as medidas de proteção e alternativas para manter a educação em funcionamento. A comunicação deficiente resulta na desinformação das famílias e na incapacidade de organizar esforços comunitários para proteger as crianças e manter alguma forma de educação contínua. O próprio deslocamento das populações, além de, por vezes, separar a criança do seu seio familiar,

é mais um obstáculo para a continuidade do processo de educação e aprendizagem, em qualquer nível.

O próprio contexto gerado pelo conflito já pressupunha a premência de se quantificar o impacto do conflito no desenvolvimento e oportunidades futuras das crianças. Seria imprescindível levar em conta a necessidade urgente de proteger as infraestruturas educacionais e de garantir alternativas para a continuidade da educação. A destruição de escolas e a transformação de muitas delas em abrigos, acaba privando as crianças de acesso à educação e contribui para a criação de um ambiente propício ao recrutamento de “crianças-soldados”.

A análise de riscos, por sua vez, deveria prever as consequências de longo prazo da interrupção da educação e do recrutamento de crianças para o combate. Uma análise inadequada deixa de considerar a magnitude do impacto sobre o desenvolvimento físico, mental e moral das crianças, além do impacto socioeconômico de médio e longo prazo no país pela falta de uma força de trabalho minimamente qualificada e das mazelas às quais o Estado sírio se vê condenado a vivenciar por ainda muitos anos após o ainda incipiente processo de paz, além de não permitir que sejam estabelecidos os alicerces para que o país se reerga no pós-guerra.

O tratamento de riscos deve contemplar, por exemplo, medidas como a criação de espaços seguros para a aprendizagem, a provisão de educação alternativa e a proteção das escolas contra a militarização, a fim de evitar como resultado uma geração sem acesso adequado à educação e vulnerável ao recrutamento para combate. Com este problema já em curso, um monitoramento adequado das mudanças situacionais do conflito permitiria respostas mais eficazes e tempestivas associadas às necessidades educacionais e de proteção das crianças, podendo diminuir o impacto humanitário neste campo e diminuindo sua vulnerabilidade ao recrutamento para combate e às implicações de longo prazo para seu desenvolvimento físico, mental e moral.

4.5 INSEGURANÇA ALIMENTAR

Outro impacto humanitário de relevância foi a desestabilização da produção e distribuição de alimentos, levando a uma insegurança alimentar generalizada. Muitas famílias passaram a depender de ajuda humanitária para sobreviver, enquanto a economia em colapso e a destruição da infraestrutura de trabalho levaram a uma pobreza extrema e a uma falta generalizada de recursos básicos. Em 2021, a ONU relatou que

13,4 milhões de pessoas na Síria necessitavam de algum tipo de assistência humanitária, e mais de 12 milhões de pessoas enfrentavam dificuldades para se alimentar diariamente (A Referência, 2021). Vive na pobreza cerca de 90% da população, o que leva expões as crianças a um preocupante estado de desnutrição contumaz (UNICEF Brasil, 2023).

Uma estratégia de comunicação eficaz delineada de maneira mais precoce poderia ter facilitado a distribuição de informações críticas sobre áreas afetadas pela insegurança alimentar, necessidades urgentes e recursos disponíveis, permitindo uma alocação mais eficiente de ajuda humanitária e recursos alimentares. Também uma análise mais detalhada e precisa do contexto econômico e social anterior ao conflito teria destacado a vulnerabilidade de certas localidades e segmentos da população à insegurança alimentar devido ao colapso da infraestrutura de produção e distribuição de alimentos.

Estabelecer critérios de risco que incluíssem a segurança alimentar como uma prioridade teria ajudado a direcionar esforços para proteger e restabelecer as cadeias de suprimento de alimentos e apoiar a economia local. Melhorias nas fases de identificação e avaliação de riscos deveria envolver identificar não apenas os riscos imediatos de destruição de infraestrutura, mas também os riscos secundários, como a deterioração das condições da economia e a perda de empregos. Análises detalhadas das vulnerabilidades específicas das comunidades locais e das cadeias de suprimento de alimentos teriam permitido o desenvolvimento de estratégias mais eficazes para mitigar a insegurança alimentar e prevenir a desnutrição, indicadores de peso no que se refere a desenvolvimento humano e determinantes para a definição da linha de pobreza extrema.

Uma abordagem mais proativa no tratamento dos riscos poderia ter incluído a criação de programas de segurança alimentar emergencial, o estabelecimento de estoques estratégicos de alimentos e a provisão de apoio financeiro direto às famílias vulneráveis. Além disso, medidas para revitalizar a agricultura local, como fornecimento de insumos, ferramentas e treinamento poderiam ter ajudado a restabelecer a produção de alimentos. Incentivo à agricultura familiar e a criação de mercados locais seguros para a troca de produtos agrícolas também poderia ter sido uma estratégia eficaz para reduzir a dependência de ajuda humanitária.

Finalmente, a implementação de monitoramento e revisão robustos e contínuos seriam essenciais para garantir que as estratégias de gerenciamento de riscos permanecessem relevantes e eficazes. Isso poderia incluir a avaliação regular da eficácia dos programas de ajuda alimentar e a identificação de novas áreas de necessidade, garantindo que a assistência humanitária fosse direcionada de maneira eficiente e eficaz.

A manutenção de registros adequadamente documentados facilitaria também que houvesse transparência entre população e governo, aumentando a confiança, diminuindo o atrito entre estes atores, e facilitando, ainda, a construção de confiança entre a população afetada e as organizações de ajuda, melhorando a cooperação e a eficácia das respostas humanitárias.

4.6 ABALO PSICOLÓGICO

O impacto psicológico do conflito é profundo, com muitos sírios, incluindo um grande número de crianças, sofrendo de estresse pós-traumático, depressão e outras condições psicológicas graves. A coesão social foi erodida, com divisões comunitárias e familiares frequentemente exacerbadas pelo conflito e deslocamento. Grande parte da rica herança cultural da Síria também foi destruída. Locais considerados Patrimônios Mundiais da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) foram significativamente danificados (Globo Comunicações e Participações S.A, 2021.) Muitas crianças não sabem o que é viver fora da guerra. Elas continuam a viver com medo da violência, e lutam com as cicatrizes físicas e psicológicas do conflito. Além dos diretamente afetados pelos impactos humanitários anteriormente citados, a parcela da população não atingida também sofre impactos psicológicos, por estarem expostos, ainda que minimamente, às nuances do conflito (UNICEF Brasil, 2022). De maneira a mitigá-los, a fase de comunicação e consulta desempenha um papel vital. O estreitamento de laços entre autoridades, autoridades, ONGs, profissionais de saúde mental e a comunidade local poderia ter promovido uma compreensão mais ampla dos serviços disponíveis para apoio psicológico. Programas de conscientização sobre saúde mental e canais de comunicação eficazes para informar a população sobre como acessar esses serviços poderiam ter reduzido o estigma associado às condições psicológicas e incentivado mais pessoas a buscar ajuda.

Além disso, uma situação de conflito é diretamente suscetível a impactar o contexto social e cultural, e torna urgente a necessidade de proteger a herança cultural do país. Estabelecer critérios de risco que incluíssem a preservação da saúde mental e da coesão social, bem como a proteção de patrimônios culturais, teria direcionado esforços para manter as comunidades unidas e preservar a rica herança cultural do país, o que fortalece na população o sentimento de pertencimento, seja a um povo, a um território, a uma

cultura comum, confortando e facilitando as ações pós conflito e reconstrução da sociedade.

Para mitigar os impactos psicológicos e sociais, estratégias de tratamento de riscos poderiam incluir a implementação de programas de apoio psicológico e psiquiátrico, a criação de espaços seguros para o tratamento de traumas e a promoção de iniciativas comunitárias para fortalecer a coesão social. Programas de educação e sensibilização sobre saúde mental nas escolas e comunidades também poderiam ter ajudado a reduzir o impacto psicológico do conflito. Igualmente necessário seria o monitoramento da eficácia dessas ações, de maneira a buscar antever dificuldades e ajustar rapidamente às estratégias de saúde mental e coesão social em resposta a mudanças e eventos inesperadamente impactantes. Isso poderia incluir a avaliação regular da eficácia dos programas de apoio psicológico e a identificação de novas áreas de necessidade, garantindo que a assistência permaneça adaptada às necessidades da população.

Os impactos humanitários da guerra civil síria são abrangentes e deixarão cicatrizes duradouras na população. A crise sublinha a necessidade urgente de uma solução política duradoura, bem como de suporte internacional contínuo para a recuperação e reconstrução do país.

4.7 RISCOS AOS ATORES EXTERNOS

O envolvimento dos EUA e da Rússia na guerra civil síria também expôs ambos os países a diversos riscos, tanto estratégicos quanto operacionais, humanitários e reputacionais. Pelo lado americano, o apoio aos rebeldes sírios e aos grupos curdos poderia ter levado a uma escalada do conflito com a Rússia e outros aliados de Assad, como o Irã. A intervenção limitada e a relutância em enviar tropas terrestres demonstram a consciência dos EUA sobre o risco de uma escalada militar que poderia envolver confrontos diretos com forças russas e iranianas (Phillips, 2020).

Regionalmente, o apoio a grupos rebeldes poderia desestabilizar ainda mais a região, provocando respostas negativas de outros países do Oriente Médio, incluindo aliados importantes como a Turquia, que se opõe ao apoio americano aos curdos devido às suas próprias questões com o grupo. Além disso, as operações militares dos EUA, que incluíram ataques aéreos, tiveram o potencial de causar baixas civis e destruição de infraestrutura, exacerbando a crise humanitária na Síria e manchando a reputação internacional dos EUA como defensor dos direitos humanos (Phillips, 2020).

Do lado russo, ao apoiar Assad de maneira tão direta, a Rússia se comprometeu a um conflito prolongado e custoso, tanto em termos de recursos financeiros quanto de vidas humanas. A intervenção russa aumentou a duração e a intensidade da guerra, resultando em perdas militares e desgaste político interno. O apoio ao regime de Assad, conhecido por suas violações dos direitos humanos, manchou a imagem internacional da Rússia. As operações militares russas foram frequentemente acusadas de atingir civis e infraestruturas civis, o que levou a críticas e sanções internacionais. Economicamente, a intervenção militar contínua exigiu gastos significativos em um momento em que a economia russa já estava sob pressão devido às sanções ocidentais e à queda dos preços do petróleo. O custo econômico da guerra poderia ter consequências a longo prazo para a economia russa. Por fim, a presença russa na Síria aumentou o risco de confrontos diretos com as forças dos EUA e seus aliados, especialmente em áreas onde os interesses se sobrepunham. Incidentes como a derrubada de um jato russo pela Turquia em 2015 destacaram o potencial de escalada não intencional (Phillips, 2020).

Do ponto de vista dos impactos humanitários, o fornecimento de armas, treinamento e suporte logístico por parte dos EUA ajudou a prolongar a guerra. Os ataques aéreos, embora focados em alvos do EI e outros grupos extremistas, muitas vezes resultaram em baixas civis. A intervenção militar russa em apoio ao regime de Assad, incluindo bombardeios aéreos e fornecimento de armas, ajudou a alimentar as hostilidades. A falta de uma vitória decisiva de qualquer lado resultou em um conflito prolongado. A destruição de infraestruturas essenciais, como hospitais, escolas e sistemas de abastecimento de água, teve um impacto devastador na qualidade de vida dos civis, causando sofrimento contínuo à população civil, incluindo mortes, ferimentos e deslocamento de pessoas. As forças do governo, com o apoio russo, cercaram e bombardearam repetidamente áreas urbanas, impedindo a entrada de ajuda humanitária e exacerbando a fome e as doenças entre a população civil acometida (Phillips, 2020).

Tanto do lado americano quanto russo, se de um lado foi possível observar o contexto e definir a situação na Síria como uma oportunidade de se fazer presente ou pelo menos, não permitir que o “oponente ideológico” aumentasse sua esfera de influência, as fases do processo de gestão de riscos poderiam também ter contribuído para minimizar os impactos negativos no contexto da intervenção síria. Na fase de identificação de riscos, o apoio americano à diferentes facções poderia prever o impacto decorrente das armas fornecidas caírem em mãos erradas, o que poderia contribuir para a escalada do conflito. A avaliação da probabilidade e impacto dos bombardeios aéreos

poderia ter mensurado a extensão dos danos colaterais e repercussão regional. Por sua vez, o apoio russo ao regime de Assad, incluindo a intensificação do conflito e a destruição de infraestruturas civis, expôs os russos ao isolamento diplomático e reação internacional negativa.

O desenvolvimento de estratégias de mitigação permitiria reduzir a probabilidade e o impacto dos riscos, promovendo uma abordagem mais responsável e consciente das consequências humanitárias das ações militares. Um controle mais rigoroso sobre o fornecimento de armas, o estabelecimento de corredores humanitários, a limitação de bombardeios aéreos, o aumento da coordenação com aliados para minimizar danos colaterais e a promoção de soluções diplomáticas para reduzir a duração do conflito são exemplos de ações que poderiam ter sido adotadas tanto pelos Estados Unidos quanto pela Rússia. E durante a implementação propriamente dita das medidas de controle, o monitoramento contínuo das operações militares e a adoção de regras de engajamento mais restritivas poderia ter evitado parte das baixas civis e permitido o fortalecimento da assistência humanitária nas áreas afetadas.

5 CONCLUSÃO

A investigação do gerenciamento de riscos e os impactos humanitários decorrentes da guerra civil síria revela uma complexa interação entre a teoria e a prática. Pudemos verificar que princípios da gestão de riscos, se corretamente aplicados, poderiam ter contribuído para não exacerbar os efeitos sobre a população civil, os quais se mostraram devastadores.

Tomando por base a atuação dos atores externos principais, tanto os EUA quanto a Rússia enfrentaram riscos significativos ao se envolverem no conflito, apoiando insurgentes e o governo de Bashar al-Assad, respectivamente. De fato, os impactos para ambos os países nem de longe se compararam aos danos sofridos pela própria Síria, que, enquanto palco de suas próprias questões domésticas, viu-se no meio de um conflito por influência regional de outros atores do sistema internacional.

A combinação de dois documentos estruturou, no Capítulo dois, um processo de gestão de riscos tradicional. Logicamente, o processo da forma como é planejado, encontra no objeto “conflito armado” um ambiente de difícil aplicação. Foi possível constatar que as análises de impacto e probabilidade em um conflito armado são elevadas a um patamar superior, onde os impactos dos riscos identificados devem ser regulados de maneira adequada. Já a probabilidade também tem sua definição bastante dificultada, diante da incerteza e volatilidade de uma situação de beligerância.

Outrossim, o objeto a ser contemplado pelo processo de gestão de risco também faz com que determinadas fases tenham preponderância em relação a outras. Foi verificado que as fases de comunicação e consulta, bem como a de estabelecimento de contexto, se mostraram como as responsáveis pela maior parte das falhas. Esta constatação não surpreende, uma vez que são justamente as fases iniciais que orientam a condução do processo como um todo, o qual, iniciando-se de maneira equivocada, provavelmente comprometerá a eficiência das fases subsequentes. E, de maneira repetida, as características intrínsecas de um conflito armado potencializam de maneira exponencial as consequências de qualquer ação mal conduzida.

Ao abordar no Capítulo três o objeto de estudo, foi verificado que este apresenta uma complexidade peculiar. Indubitavelmente, as múltiplas facções envolvidas, por vezes se opondo ainda que possuíssem o mesmo propósito geral, a localização de suas lideranças, e diferentes modos de operação contribuíram sobremaneira para complicar ainda mais as fases iniciais da gestão de riscos, principalmente o estabelecimento do

contexto. Como agravante, a particularidade de uma instituição governamental se opondo a insurgentes de mesma nacionalidade e suportados por instituições estrangeiras, reflete a dificuldade de se conceber um projeto de tratamento de riscos sólido. Adicionalmente, o autoritarismo do regime de governo era incompatível com a condução de uma fase de comunicação e consulta condizente com uma política de minimização de impactos.

Tomando por base o exposto até aqui, seguiu-se, no Capítulo quatro, a investigação dos impactos humanitários decorrentes do conflito e sobre de que forma as fases do gerenciamento de risco poderiam, se implementadas, ou mais bem conduzidas, ter contribuído para impactar menos a população. Foi possível verificar que as dificuldades constatadas nas fases iniciais se propagavam para as demais, dando a impressão de que, ainda que tenha havido gestão de riscos, sua eficácia foi praticamente nula, ao terem sido negligenciados ou, no mínimo, subestimados, os contextos humanitários e sociais vivenciados pela sociedade. Portanto, pôde-se pontuar, com um olhar externo, defasado no tempo, e culturalmente demasiadamente diferente do povo envolvido, quais caminhos diferentes o conflito poderia ter tomado, se os fatos fossem analisados de maneira isolada, sem que estivessem interligados de maneira tão ímpar. Daí foram evidenciadas também as falhas na análise dos riscos, estratégias de mitigação e, de maneira também destacada, a retroalimentação do processo através de monitoramento e revisão, diante do alto nível de dinamismo característico de conflitos armados.

Em síntese, a análise do gerenciamento de riscos e os impactos humanitários decorrentes da guerra civil síria revela que as falhas na aplicação dos princípios de gestão de riscos contribuíram significativamente para a escalada e prolongamento do conflito. A abordagem holística e integrada da gestão de riscos poderia ter mitigado muitos dos impactos negativos e proporcionado oportunidades para uma resolução mais rápida e menos destrutiva do conflito.

Para instituições militares e organizações internacionais, esta pesquisa sublinha a importância de integrar a gestão de riscos em todas as fases de planejamento e execução de operações em zonas de conflito. Além disso, destaca a necessidade de uma abordagem colaborativa que envolva atores locais e internacionais na identificação e mitigação de riscos.

Futuras pesquisas poderiam explorar mais profundamente a aplicação de metodologias específicas de gestão de riscos em determinadas fases de um conflito e crises humanitárias, ou ainda em operações específicas, em que a possibilidade de danos

colaterais se veja mais proeminente, buscando desenvolver abordagens cada vez mais eficazes na direção de proteção da população e promoção da paz.

Neste ponto, retoma-se, então, o questionamento fundamental a que se propôs esta dissertação: como a gestão de riscos é capaz de contribuir para a minimização de Efeitos Colaterais em um conflito armado, ou ainda, para o incremento do aproveitamento de uma situação positiva inesperada? Diante do conjunto de ferramentas oferecidas pela gestão de riscos, no caso da guerra civil síria, a aplicação inadequada destas ou a falta de gestão de riscos contribuiu demasiadamente para a escalada do conflito e o aumento expressivo dos impactos humanitários.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA DA ONU PARA REFUGIADOS. **EMERGÊNCIA NA SÍRIA**. 2024. Disponível em <https://www.acnur.org/br/emergencias/siria>. Acesso em 27 jun. 2024.

AGÊNCIA DA ONU PARA REFUGIADOS. **Uma década depois, refugiados sírios enfrentam ‘guerra silenciosa’ pela sobrevivência**. 2021. Disponível em <https://www.acnur.org/portugues/2021/03/16/uma-decada-depois-refugiados-sirios-enfrentam-guerra-silenciosa-pela-sobrevivencia/>. Acesso em 06 jul. 2024.

AGÊNCIA EXPERIMENTAL DE COMUNICAÇÃO ÍNTEGRA. **Infâncias roubadas: A triste realidade vivenciada por crianças sírias**. 2021. Disponível em <https://www.ufsm.br/midias/experimental/integra/2021/02/03/infancias-roubadas-a-triste-realidade-vivenciada-por-criancas-sirias>. Acesso em 27 jun. 2024.

A REFERÊNCIA. **ONU diz que Síria tem 13,4 milhões de pessoas dependentes de ajuda humanitária**. 2021. Disponível em <https://areferencia.com/oriente-medio/guerra-na-siria-obrigou-134-milhoes-a-dependerem-de-ajuda-humanitaria-para-viver-diz-onu/>. Acesso em 07 nov. 2024.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. ABNT. **NBR ISO/IEC 31000:2018**: Gestão de riscos: Diretrizes. Rio de Janeiro, 2018.

AUSTRALIAN / NEW ZEALAND STANDARD. **AS/NZS 4360:2004**: Risk Management. Sidney, 2004.

BBC NEWS BRASIL. **O que é o jihadismo**. 2014. Disponível em https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/12/141211_jihadismo_entenda_cc. Acesso em 06 nov. 2024.

BBC NEWS BRASIL. **O xadrez das forças que se enfrentam na sangrenta batalha de Goutha Oriental, na Síria**. 2018. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-43247869>. Acesso em 06 nov. 2024.

BBC NEWS BRASIL. **Como retirada das tropas americanas ordenada por Trump modifica a guerra na Síria**. 2019. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-50053251>. Acesso em 06 nov. 2024.

CARTA CAPITAL. **Guerra na Síria completa 10 anos e acumula mais de 388 mil mortos**. 2021. Disponível em <https://www.cartacapital.com.br/mundo/guerra-na-siria-completa-10-anos-e-acumula-mais-de-388-mil-mortos/>. Acesso em 27 jun. 2024.

CARTA CAPITAL. **EUA enviam reforços militares a campos de petróleo na Síria**. 2019. Disponível em <https://www.cartacapital.com.br/mundo/eua-enviam-reforcos-militares-a-campos-de-petroleo-da-siria/>. Acesso em 06 nov. 2024.

DEUTSCHE WELLE BRASIL. **Guerra na Síria matou mais de 300 mil civis, estima ONU**. 2022. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/guerra-na-siria-matou-mais-de-300-mil-civis-estima-onu/a-62303355>. Acesso em 27 jun. 2024.

EMPRESA BRASIL DE COMUNICAÇÃO. **Guerra já deixou ao menos 300 mil mortos na Síria, diz ONG de direitos humanos.** 2016. Disponível em <https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2016-09/guerra-ja-deixou-ao-menos-300-mil-mortos-na-siria-diz-ong-de-direitos>. Acesso em 06 jul. 2024.

GLOBO COMUNICAÇÕES E PARTICIPAÇÕES S.A. **Porque a Guerra na Síria continua após 10 anos?** 2021. Disponível em <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/03/15/porque-a-guerra-da-siria-continua-apos-10-anos.ghtml>. Acesso em 27 jun. 2024.

GELVIN, James L. - **The New Middle East_ What Everyone Needs to Know**-Oxford University Press, 2017.

GLOBAL CENTRE FOR THE RESPONSABILITY TO PROTECT. **Syria.** 2024. Disponível em <https://www.globalr2p.org/countries/syria/>. Acesso em 27 jun. 2024.

LISTER, Charles R. - **The Syrian Jihad - Al-Qaeda, The Islamic State and the evolution of an insurgency** - Oxford University Press, 2016.

PHILLIPS, Christopher - **The Battle for Syria: International Rivalry in the New Middle East** - Yale University Press, 2020.

PMI (Project Management Institute). **A Guide to the Project Management Body of Knowledge (PMBOK Guide).** 6ª ed. Project Management Institute, 2017.

SENNÁ, Claudio. **Gerenciamento de Crises: usando Mapas Críticos para organizar o que é complexo e caótico.** Alta Books, 2017.

SMITH, Nigel. MERNA, Tony. JOBLING, Paul. **Managing Risk In Construction Projects** – Blackwell Publishing, 2006.

UNICEF BRASIL. **Crise na Síria.** 2022. Disponível em <https://www.unicef.org/brazil/crise-siria>. Acesso em 27 jun. 2024.

UNICEF BRASIL. **Síria: crianças lutam com cicatrizes físicas e psicológicas após 11 anos de guerra.** 2022. Disponível em <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/siria-criancas-lutam-com-cicatrizes-fisicas-e-psicologicas-apos-11-anos-de-guerra>. Acesso em 07 nov. 2024.

UNICEF BRASIL. **UNICEF alerta para crise iminente de nutrição infantil na Síria em meio a 12 anos de conflito e terremotos fatais.** 2023. Disponível em <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/unicef-alerta-para-crise-iminente-de-nutricao-infantil-na-siria>. Acesso em 27 jun. 2024.